

## Nota introdutória

Por iniciativa do Centro de Estudos de Filosofia (CEFi), decorreram, ao longo dos anos de 2012 e 2013, os trabalhos do «Seminário Internacional Vergílio Ferreira», coordenado pelo Prof. Doutor José Antunes de Sousa. O motivo próximo para o funcionamento do Seminário foi a comemoração dos 50 anos da publicação de duas obras de Vergílio Ferreira: o romance *Estrela Polar* e o ensaio *Da Fenomenologia a Sartre*, este último, como se sabe, publicado sob a forma de um extenso Prefácio à tradução portuguesa de *O Existencialismo é um Humanismo*, de Jean-Paul Sartre.

Apesar de integrado numa lógica de comemoração de um cinquentenário, o Seminário propôs-se revisitar a totalidade da obra de Vergílio Ferreira, nos vários e diversificados aspetos que ela assumiu: romance, novela, ensaio filosófico, diário, etc. Por sugestão do seu coordenador, os trabalhos do Seminário organizaram-se em torno de cinco grandes tópicos: 1) Vergílio Ferreira e o Romance; 2) *Estrela Polar*: romance da ambiguidade? 3) A dimensão trágica do protagonista vergiliano; 4) Vergílio Ferreira: o Corpo e os corpos; 5) Vergílio Ferreira hoje: que lugar para a esperança? As abordagens partiram, fundamentalmente, das áreas de Estudos Literários e de Filosofia.

Com mais este volume da coleção Estudos de Filosofia iniciamos a publicação dos trabalhos dos investigadores que generosamente acederam ao convite do CEFi para colaborar.

O livro abre com a participação de Lídia Jorge que, em «Vergílio Ferreira, uma invocação ao seu corpo – o ficcionista habitado pelo filósofo», põe em evidência algumas das convicções e pressentimentos do autor sobre o papel do romance, cuja pertinência, em sua opinião, continua a ser total. Lídia Jorge destaca o lugar único, no panorama da ficção portuguesa, da obra de Vergílio Ferreira, sem antecedente nem epígonos reconhecíveis. Tocado pela inquietação pascaliana perante a existência, que transferiu para toda a sua escrita de forma muito particular, Vergílio Ferreira foi também, na opinião da autora, um intérprete arguto da mudança dos tempos, e um teórico do papel da arte no mundo contemporâneo.

Rosa Maria Goulart, em «Vergílio Ferreira: o romance do fim», salienta a coerência do percurso de Vergílio Ferreira, desde *Para Sempre* até *Cartas*

a *Sandra*. Sendo um autor que não se importava de ser definido como «homem de um só livro», Vergílio Ferreira seguiu um percurso «em crescendo» na representação poética dos temas que desde sempre o preocuparam. Tendo em mente opções do autor, já bem conhecidas, quanto à estrutura narrativa e outros recursos utilizados, Rosa Goulart produz uma reflexão sobre o teor dessa poetização do mundo nos últimos romances de Vergílio Ferreira, no sentido de inquirir o modo como eles seguem o rumo traçado inicialmente, ou dele se afastam. É dada, nesta análise, uma especial atenção à ideia de «fim», cedo introduzida na temática do escritor, mas reforçada nos romances da sua fase final.

A contribuição de Jorge Maximino intitula-se «Linguagem, Experiência e Tempo na obra narrativa de Vergílio Ferreira». A experiência da linguagem constitui uma questão central na obra narrativa do autor. Abordando este assunto do ponto de vista fenomenológico e da pragmática, Jorge Maximino questiona-se sobre o estatuto dos personagens e sobre a forma como se integra a noção de tempo na construção dos universos de ficção e no conceito de romance de Vergílio Ferreira. Partindo deste questionamento, que implica uma abordagem que solicita um vasto campo teórico que extravasa o estrito domínio literário, Jorge Maximino procura esboçar algumas propostas concretas de leitura, através de elementos de análise colhidos, especialmente, nos romances *Alegria Breve*, *Estrela Polar* e *Manhã Submersa*.

Em seguida, Eunice Cabral analisa «O Amor como entidade impossível em *Estrela Polar* de Vergílio Ferreira». Para a autora, o romance *Estrela Polar* formula, narrativa e discursivamente, uma pergunta: «como aceder ao outro no amor?». No limiar da desumanidade, o amor está impregnado de um espírito indizível, respondendo ao apelo humano pelo silêncio enigmático. Para Vergílio Ferreira, defende a autora, cada ser humano situa-se dentro de si mesmo e é aí que apreende a realidade. Assim sendo, o amor, consistindo numa transposição entre o si e o outro (e vice-versa), torna-se impossível: o eu não pode ser pelo outro. Na sua aparição efémera, o amor gasta-se, destruindo-se porque se constitui num além de si próprio e também do outro. No entanto, como outras entidades que são interpeladas neste romance (tais como a realidade ou a verdade), o amor é apresentado como excessivo, gastando-se e destruindo-se porque se constitui num além de si próprio e do outro.

Nuno Júdice, em «O esquema mítico em *Aparição* de Vergílio Ferreira», mostra como, no romance *Aparição*, os elementos simbólicos (a lua, a noite, as estrelas) se organizam a partir de arquétipos e correspondem a uma estrutura narrativa coerente, que tem no seu fundo o cenário mítico de Évora.

Segue-se a contribuição de Isabel Cristina Rodrigues, intitulada «A Câmara Clara: Vergílio Ferreira e a arte da imagem». A autora mostra como a presença da imagem visual (sobretudo a da fotografia e a da pintura), em Vergílio Ferreira, assume três modalidades distintas, embora complementares: como forma de estabelecimento de certos laços semântico-estruturais entre a narrativa do escritor e as imagens de alguns quadros (e de alguns pintores) da história da pintura ocidental; como assunção de um estatuto eminentemente genético (sobretudo no caso da imagem fotográfica) no processo de construção do texto romanesco; por último, como composição fotográfica de imagens visuais através da atividade imobilizadora da palavra. Assim, nesta sua contribuição, a autora procura dilucidar os processos de textualização literária da imagem visual no romance vergiliano, sublinhando o papel fundamental desempenhado pela linguagem da fotografia na discursivização romanesca da matéria diegética.

Isabel Soler, em «Assédios à identidade esquiva: ler hoje Vergílio Ferreira», pretende sublinhar o valor da última narrativa vergiliana e, ao mesmo tempo, acentuar a sua força criativa para além do romance. Para Isabel Soler, a vigência de Vergílio Ferreira como autor atual encontra-se fundada, não tanto na sua narrativa de matriz existencial e realista, quanto na construção de um artefacto romanesco de estirpe lírica e autofictícia, sem ocultar os componentes autobiográficos, mas também sem os exhibir explicitamente. Daí que grande parte desta vigência se encontre, também, na frescura e perspicácia da obra diarística vergiliana e, inclusivamente, no seu ensaio, como se através dessas páginas o escritor estivesse ligado de maneira não dissimulada e direta às raízes morais do presente: o desvalimento, a fragilidade do bem, o peso da memória e da dor, a ocultação ou a mentira como formas de sobrevivência.

A abordagem filosófica da obra e do pensamento de Vergílio Ferreira inicia-se com a contribuição de Cassiano Reimão, que apresenta um ensaio intitulado «Ética e Liberdade – De Vergílio Ferreira a Sartre». Nele, mostra-se de que forma a liberdade, enquanto matriz radical da constituição da eticidade, atravessa o pensamento vergiliano e sartriano. Caracterizando o conceito à luz da fenomenologia, Sartre defende que a liberdade é constitutiva da consciência transcendental: o homem é o ser que tem a propriedade de se determinar a si mesmo a não ser um «ser-em-si». É este facto que define a sua transcendência: a consciência não é senão opondo-se. A consciência é liberdade porque é capaz de sair das suas condições irreflexivas. Pela liberdade humana o nada aparece no mundo; por sua vez, o nada condiciona esta possibilidade de ser livre: não há diferença entre o ser do

homem e o seu «ser-livre». Mas – continua Cassiano Reimão – a pergunta acerca do que é a liberdade não tem sentido para Sartre, na medida em que traria consigo um perguntar acerca da essência da liberdade e a liberdade é sem fundamento. A partir daqui, Sartre é orientado por uma exigência ética que consiste em fundar, para si mesmo e para os outros, o exercício da liberdade; a sua obra é «uma ética que se procura, mas que nunca se concretiza». Por isso, a liberdade em situação, constantemente inacabada, considerada como fim em si mesma e na relação com os outros, é a única saída ética para a ontologia. Mas a ética autêntica é uma angustiante interrogação cravada no coração de cada homem e não um conjunto de prescrições abstratas. Esta interrogação definiu a génese do pensamento ético sartriano: da moral do dever à moral do apelo, passando pela conversão à autenticidade, da ética dialética à moral do Nós. Cassiano Reimão mostra como Vergílio Ferreira entendeu bem este percurso, ao afirmar que Sartre «escolheu precisamente os homens» e que «a verdade de uma Ética ofereceu-se-nos iniludível no próprio ato de nos afirmarmos moralmente em cada situação concreta». Afirmando que cada época tem que «reinventar um mundo humano habitável», Cassiano Reimão admite que Vergílio Ferreira reconhece que Sartre respondeu às necessidades e aos sinais do seu tempo, por isso o admirando e respeitando, mesmo não sentindo como sua a doutrina sartriana.

Samuel Dimas aborda, no seu texto, «A questão de Deus na obra de Vergílio Ferreira». Começando por referir o ensaio *Invocação ao meu Corpo*, refere o autor que a divindade aparece no âmbito da interrogação primordial do homem acerca da origem e do destino de si mesmo e do sentido último do Universo. O anúncio da eternidade dá-se na dimensão originária de nós e no espaço excessivo do absoluto que habita em nós. A questão de Deus apresenta-se, por conseguinte, em situações-limite que surgem, subitamente, na verdade fulgurante e indemonstrável do silêncio e do espanto, pela evidência da beleza ou da morte, e pelo sobressalto que nos emudece diante das coisas simples e do horizonte insondável da irrealidade. O divino apresenta-se na dimensão misteriosa de nós, pela simples vibração do estar sendo, sem donde e porquê, na pura tensão do excesso da totalidade presente. Por isso, defende Samuel Dimas, o verdadeiro Deus de Vergílio Ferreira é sem rosto e sem nome: é Mistério. Mas um Mistério que não se revela historicamente nas mediações dos mistérios. O Deus de Vergílio Ferreira, conclui Samuel Dimas, é mudo, absolutamente indiscernível, reduzindo-se, nas suas próprias palavras, «à anterioridade de Si próprio, na memória pura e derradeira de nada».

Maria de Lourdes Sirgado Ganho, em «O Universo existencial de *Estrela Polar*», mostra como, neste romance, a reflexão existencial se centra nas noções de absurdo, solidão, angústia, desespero e situação-limite. O absurdo da existência e dos existentes emerge como dominante: entre o desejo do eu à plenitude e o concreto do existir, um desacordo permanece, não obstante os raros momentos de coincidência, ou de união, que permitem pensar o absoluto. Esta é, para a autora, a atmosfera em que o romance se desenvolve, problematizando as grandes aporias do universo existencial (morte, vida; solidão, desejo de comunicação; enclausuramento, liberdade; fracasso, realização de si; angústia e interrogação permanente). Quem sou eu? Quem são os outros? Haverá alguma forma de acesso ao Absoluto? Esse é o desafio, fulgurante, mas evanescente, de *Estrela Polar*.

Por último, Manuel Cândido Pimentel, em «O enigma da transcendência do “eu” em Vergílio Ferreira», aborda o modo como o tema da transcendência do «eu» é aflorado e debatido no ensaio «Da Fenomenologia a Sartre». Com notável perspicácia, como o demonstra na sua análise Cândido Pimentel, Vergílio Ferreira reflete sobre algumas equívocas perspetivas de Sartre na abordagem que este faz daquele tema de matriz husserliana. É assim que Vergílio Ferreira declara não ser possível, ao contrário do que Sartre defende, «suspender» a presença do nosso eu: não só ele é o promotor da operação que a fenomenologia designa pela expressão «redução fenomenológica», como ainda o *suspender-se* implica, contraditoriamente, que sempre o «eu», que se suspende, estaria presente. Cândido Pimentel contrasta a específica forma de ver este tema, em Husserl e Sartre, com a de Vergílio Ferreira, nomeadamente no que diz respeito ao estatuto do «eu» como presença e aparição. Trata-se de noções fundamentais do pensar filosófico do autor português, desenvolvidas ficcionalmente no romance *Aparição* e no estudo que dedica ao existencialismo sartriano.

José Antunes de Sousa  
Carlos Morujão